

A IMPORTÂNCIA DA VIRTUDE DA *PHRONÊSIS* NA ÉTICA ARISTOTÉLICA SOB A VISÃO DO FILÓSOFO ALASDAIR MACINTYRE

THE IMPORTANCE OF THE VIRTUE OF PHRONESIS IN ARISTOTELIAN ETHICS UNDER THE VIEW OF THE PHILOSOPHER ALASDAIR MACINTYRE

Wesley Murilo de Abreu Roveda¹

Paulo Cesar Delboni²

RESUMO: Este trabalho analisa a importância da virtude da *phronêsis* na ética aristotélica sob a visão do filósofo Alasdair MacIntyre, destacando seu papel central na busca pela *eudaimonia*. A pesquisa discute a relevância da *phronêsis* como sabedoria prática que orienta a ação moral correta, oferecendo *insights* valiosos diante dos desafios éticos e morais, em uma sociedade marcada pelo relativismo e pelo individualismo. Parte-se da análise da ética aristotélica, diferenciando virtudes éticas e dianoéticas, para contextualizar a *phronêsis* como guia para o comportamento ético. MacIntyre reinterpreta esse conceito, adaptando-o para o contexto contemporâneo e enfatiza a importância das tradições e da comunidade para a formação do caráter e da moralidade. A *phronêsis* é apresentada não apenas como uma virtude individual, mas como fundamento para uma ética comunitária, onde a busca pelo bem comum e a deliberação moral ocupam lugar central. Conclui-se que, ao resgatar a ética das virtudes aristotélicas, a *phronêsis* surge como um elemento fundamental para enfrentar os desafios éticos da modernidade.

Palavras-chave: Prudência; Ética; Aristóteles; Virtude; Alasdair MacIntyre.

ABSTRACT: This paper analyzes the importance of the virtue of phronesis in Aristotelian ethics from the point of view of philosopher Alasdair MacIntyre, highlighting its central role in the search for eudaimonia. The research discusses the relevance of phronesis as practical wisdom that guides correct moral action, offering valuable insights into ethical and moral challenges in a society marked by relativism and individualism. It starts with an analysis of Aristotelian ethics, differentiating between ethical and dianoetic virtues, in order to contextualize phronêsis as a guide to ethical behavior. MacIntyre reinterprets this concept, adapting it to the contemporary context and emphasizing the importance of traditions and community in the formation of character and morality. Phronesis is presented not only as an individual virtue, but as the foundation for a community ethic, where the search for the common good and moral deliberation take center stage. The conclusion is that, by recovering Aristotelian virtue ethics, phronêsis emerges as a fundamental element in facing the ethical challenges of modernity.

Keywords: Prudence; Ethic; Aristotle; Virtue; Alasdair MacIntyre.

¹ Graduando do curso de Bacharelado em Filosofia do Centro Universitário Salesiano-UniSales. Vitória/ES, Brasil. E-mail: wesley-murilo@hotmail.com

² Mestre em Filosofia; Professor do Curso de Bacharelado em Filosofia do Centro Universitário Salesiano-UniSales. Vitória/ES, Brasil. E-mail: pdelboni@salesiano.br

1 INTRODUÇÃO

A ética aristotélica, com suas profundas reflexões sobre a virtude e a busca pela felicidade, ou *eudaimonia*³, tem sido uma fonte inestimável de sabedoria filosófica por séculos. Entre as diversas virtudes exploradas por Aristóteles, a prudência, ou *phronêsis*⁴, destaca-se como um atributo essencial para a prática de uma ação moral correta.

Alasdair MacIntyre, um dos filósofos mais influentes do século XX, revisita os ensinamentos aristotélicos com um olhar crítico e renovado, destaca a importância da *phronêsis* não apenas como uma virtude individual, mas também como um elemento fundamental na maturação do indivíduo dentro da comunidade política, ou seja, dentro da *pólis*⁵. Sua abordagem fornece uma perspectiva contemporânea sobre como os conceitos de Aristóteles podem ser aplicados para enfrentar os desafios éticos e morais da atualidade, diante de uma sociedade cada vez mais relativista e individualista.

Este estudo pretende explorar os principais conceitos e ensinamentos da ética aristotélica relacionados à *phronêsis*, avaliar sua importância na busca pela *eudaimonia* na sociedade atual e descrever as contribuições de Alasdair MacIntyre para a compreensão e aplicação desses conceitos. Ao examinar como o filósofo MacIntyre amplia e interpreta a *phronêsis* aristotélica, pretende-se oferecer uma visão ampla e profunda sobre a importância desta virtude na promoção de uma vida ética, diante de uma comunidade política.

Para uma compreensão mais aprofundada da importância da *phronêsis*, tema central abordado neste estudo, é essencial estabelecer um panorama introdutório da ética aristotélica, particularmente conforme apresentado na ética nicomaqueia, onde Aristóteles discute a busca pela *eudaimonia* através da prática das virtudes, e concebe-as como disposições da alma que orientam o comportamento humano em direção ao bem supremo.

Antes de aprofundar-se na visão do filósofo escocês, é crucial contextualizar a estrutura da ética aristotélica, que inclui a distinção entre as virtudes éticas (morais) e as virtudes dianoéticas (intelectuais). Essa distinção é essencial para entender a complexidade da ética aristotélica e sua aplicação na prática moral, bem como para uma análise aprofundada da virtude da *phronêsis*.

Este trabalho tem como objetivo analisar a importância da *phronêsis* como meio para alcançar a *eudaimonia* aristotélica, mediante a relação das virtudes éticas e dianoéticas, tomando por base a visão do filósofo contemporâneo Alasdair MacIntyre.

³ *Eudaimonia* é um termo grego que se refere a uma concepção ética da Antiguidade que considera a felicidade como o objetivo moral (Abbagnano, 2007).

⁴ *Phronêsis* é uma palavra grega que significa prudência ou saber prático. Na ética de Aristóteles, é definida como uma virtude racional que está ligada à atuação ética. Distingue-se de outras palavras com que se designa a sabedoria por ser a virtude do pensamento prático, sendo traduzida habitualmente como sabedoria prática (Santos, 1966).

⁵ *Pólis* é um termo grego referente ao modelo das antigas cidades da Grécia Antiga, de cidade-estado. Especialmente é tudo que concerne ao Estado, ao Governo, também ao que se refere às questões sociais, à justiça, à administração, e a todas as atividades coletivas (Santos, 1966).

3 METODOLOGIA

A pesquisa foi conduzida com base em fontes bibliográficas, caracterizando-se como uma pesquisa descritiva e exploratória. Nesse sentido, de acordo com Vergara (2010, p. 43), compreende-se a pesquisa bibliográfica como “[...] o estudo sistematizado desenvolvido com base em materiais publicados em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral”.

O caráter exploratório é enfatizado, pois, de acordo com Gil (2002, p. 41), tem o intuito de “[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”.

A utilidade da pesquisa bibliográfica exploratória se evidencia pela necessidade de levantar informações e esclarecer conceitos relacionados aos estudos da ética aristotélica, a virtude da *phronêsis*, e aprofundar nas reflexões filosóficas de Alasdair MacIntyre. Após elucidar o principal e mais geral projeto de Aristóteles na *Ética a Nicômaco*, ou seja, determinar em que consiste a felicidade ou uma vida humana perfeita, apresentando um esboço da noção de *eudaimonia*, e abordando o conceito de *phronêsis* como meio para alcançar a felicidade. Será exposto a seguir a importância da virtude da *phronêsis* para se alcançar a felicidade tomando-se como resultado e discussão do tema, dedicando-se diretamente à visão do filósofo Alasdair MacIntyre.

4 A ÉTICA ARISTOTÉLICA

Na ética aristotélica, o termo grego *ethos*⁶, que significa hábito, diz respeito ao pensamento moral, a fim de levar à busca do bem supremo. Esse termo adquire um significado específico quando se relaciona às disposições de caráter e à construção da virtude, que se forma por meio da prática constante. Para Aristóteles (384 a.C — 322 a.C), ser justo, por exemplo, exige a prática repetida de ações justas, de modo que a virtude não é apenas uma teoria abstrata, mas se realiza na prática cotidiana. A ética aristotélica considera que a virtude é cultivada pelo exercício contínuo de ações corretas e moderadas. O termo é uma transliteração dos vocábulos com *eta* inicial, e com *epsilon* inicial. A primeira acepção do termo *ethos* designa-se a morada do homem (Vaz, 1988).

Não obstante, a ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade, abordando o conjunto de valores, individuais ou coletivos, considerados universalmente como norteadores das relações sociais e da conduta humana. Trata-se do estudo dos hábitos e ações humanas, que capacita o indivíduo a transitar de um estado não repetitivo para um estado que realiza plenamente sua essência de ser racional e de buscar a sua teleologia (Vázquez, 1982). Além disso, o termo ética pode descrever uma forma de vida compatível com padrões morais como corretos em uma sociedade, englobando tanto o estudo crítico e reflexivo sobre o comportamento

⁶ Na filosofia, o termo *ethos* é usado para descrever o conjunto de hábitos e crenças que definem uma comunidade ou nação (Vaz, 1988).

humano quanto a prática de comportamentos que exigem esses princípios ético-morais.

Aristóteles foi o primeiro filósofo a abordar a ética como um campo específico do conhecimento, sendo extremamente reconhecido como o fundador da ética como disciplina filosófica. Para ele, a ética está diretamente relacionada com o objetivo de alcançar a felicidade, ou seja, a *eudaimonia*. E o conteúdo dessa felicidade está relacionado à *areté*⁷, no qual podemos traduzir como virtude. Porém, no contexto grego, compõe-se de diversos significados, entre eles, a noção de capacidade ou excelência. Assim, ao estudar o conceito de *areté* permite-se compreendê-la como um modelo do 'homem bom'. Entender seu fundamento é essencial, pois é com base nela que qualificamos alguém como bom ou mau. A virtude é uma excelência no ser humano, é aquilo que o capacita a ser um bom indivíduo em sociedade e a desempenhar sua função de praticar o bem (Manieri, 2017).

Em busca por compreender o caráter e a excelência humana, Aristóteles, em suas obras, representa um progresso intelectual na história da humanidade, e apresenta elementos positivos e inabdicáveis, explorando os diferentes aspectos que conduzem à formação de um bom caráter e de uma ação justa. Para isso, faz a distinção entre as virtudes éticas (morais) e dianoéticas (intelectuais): as virtudes éticas estão relacionadas ao caráter e à conduta do indivíduo, ou seja os seus hábitos, dizem respeito à parte sensitiva da alma. São as disposições que adquirimos pela prática de determinados atos que formam a virtude ética, sendo ela obtida por meio da educação e do desenvolvimento dessas disposições; enquanto as virtudes dianoéticas, estão relacionadas à excelência da razão, dizem respeito à parte racional da alma, referem-se às qualidades da mente e do caráter que promovem o pensamento crítico, a busca da verdade.

Previamente vale ressaltar que, conforme Silva (2008), Aristóteles diferencia as virtudes intelectuais, a *phronêsis* de outras formas de sabedoria, como a *sophia*⁸, ao enfatizar seu papel na tomada de decisões práticas. O autor argumenta que a *phronêsis* guia a ação humana e é essencial para a realização do bem supremo, a *eudaimonia*; enquanto a *sophia* se relaciona com a sabedoria divina, a inteligência. Inclusive, há uma passagem na ética nicomaqueia que parece fundamental, principalmente no entendimento da virtude intelectual, em especial a *phronêsis*, tema principal que será abordado mais detalhadamente no próximo capítulo.

Além do mais, na interpretação de Pierre Aubenque (2008), destaca-se a seguinte passagem: “[...] a virtude é uma disposição que exprime uma decisão da qual somos princípio, que engaja nossa liberdade, nossa responsabilidade, nosso mérito” (Aubenque, 2008, p. 193).

⁷ *Areté* é um conceito que expressa a ideia de excelência humana, e está ligado à noção de cumprimento do propósito ou função de cada indivíduo. A palavra foi traduzida para o latim como *virtus*, que é a origem da palavra “virtude” em português (Manieri, 2017).

⁸ *Sophia* é um nome feminino de origem grega que significa “sabedoria”. A palavra grega *sophia* (σοφία) é o substantivo abstrato de *sophós* (σοφός), que pode ser traduzido como “esperto, hábil, inteligente, sábio”. Trata-se de um saber teórico, distinto do saber prático. Para Aristóteles, é o saber dos primeiros princípios, a Filosofia, em suma (Silva, 1966).

Aristóteles, em suas obras sobre a ética, tanto na *Ética a Nicômaco*, quanto na *Ética a Eudemo*, afirma que a busca pela virtude está ligada à representação da 'melhor vida', entendida como um 'viver bem', no qual o ser humano encontra satisfação e felicidade. Aristóteles, de maneira subentendida, critica o indivíduo comum, cuja existência social se fundamenta na procura de prazer. Por outro lado, o político é aquele que se regozija com a obtenção da *phronêsis*, virtude que justifica sua posição de líder (Manieri, 2017).

Ao fazer uma análise sistemática da filosofia aristotélica, Reale (2012) expressa que a ciência ética se divide em duas grandes áreas: as ciências teóricas e as ciências práticas. As ciências teóricas incluem a “filosofia primeira” ou metafísica, além da matemática e da física, que são chamadas de “filosofia natural” e representam o melhor uso do tempo livre pelo ser humano. Por outro lado, as ciências práticas estão voltadas para a ação, abrangendo as esferas da política e da ética, e diz respeito à conduta e aos objetivos que os homens desejam alcançar, tanto como indivíduos singulares quanto como indivíduos inseridos em uma sociedade.

Assim, percebe-se que para Aristóteles, a ética é indissociável da política, já que ambas constituem a ciência prática, ou seja, a filosofia prática. Logo, por meio da política visa-se alcançar o bem comum. Nessa disposição da ética à política, Reale (2012) descreve que a doutrina platônica, que considera o homem como um cidadão, coloca a cidade acima dele, tanto na esfera coletiva quanto na individual. Aristóteles expressa essa concepção ao declarar:

Uma vez que a ciência política usa as ciências restantes e, mais ainda, legisla sobre o que devemos fazer e sobre aquilo de que devemos abster-nos, a finalidade desta ciência inclui necessariamente a finalidade das outras, e então esta finalidade deve ser o bem do homem. Ainda que a finalidade seja a mesma para um homem isoladamente e para uma cidade, a finalidade da cidade parece de qualquer modo algo maior e mais completo, seja para a atingirmos, seja para a perseguirmos; embora seja desejável atingir a finalidade apenas para um único homem, é mais nobilitante e mais divino atingi-la para uma nação ou para as cidades (Aristóteles, 1985, p.18).

Assim, o filósofo afirma que o objetivo final, ou o bem supremo, é o mesmo para indivíduos e para as cidades, isto é, alcançar o bem-estar ou a felicidade. No entanto, ele argumenta que realizar esse bem é mais significativo e completo para uma cidade ou nação do que para um indivíduo isolado, pois o bem coletivo é mais nobre e significativo, porque impacta um grupo maior e representa uma realização mais ideal do bem.

Segundo Aristóteles, a política desempenha um papel de liderança e organização, estabelecendo quais ciências são indispensáveis na cidade, quem as deve dominar e até que ponto. Contudo, à medida que o filósofo progride na análise da ética, alguns pesquisadores indicam que as interações entre o indivíduo e o Estado começam a apresentar indícios de tensão. Apesar de pertinente, Aristóteles não discute essa tensão de maneira crítica, nem analisa as implicações ou contradições, que poderiam afetar sua perspectiva geral sobre a 'filosofia das coisas humanas'. Ao invés disso, prevaleceram os fatores históricos e culturais, mantendo a *pólis* como o marco fundamental que engloba os valores humanos (Reale, 2012).

Diante disso, na ética nicomaqueia, Aristóteles expõe como se deve viver para que a vida seja boa, oferecendo na obra bons ensinamentos. O filósofo busca constituir uma sólida estrutura filosófica sobre as virtudes humanas, pensando a ação do homem de forma imanente, deixando de lado as questões de natureza e divinas. Ele define o ser humano por sua essência no logos, por meio da razão, e coloca a virtude como caminho para a *eudaimonia*. Ao longo de sua obra, pondera a importância da justiça, da amizade, da moderação e da incontinência dos atos, estabelecendo as bases da ética como uma investigação das virtudes e da felicidade humana.

Por princípio, Aristóteles argumenta que todos os seres humanos agem em função do bem, dispondo-o como sendo a finalidade de todas suas ações. Para alcançar uma vida ética, é necessário entender qual é a finalidade desta vida, ou seja, sua teleologia (*telos*), como ele denominava.

Toda arte e toda indagação, assim como toda ação e todo propósito, visam a algum bem; por isto foi dito acertadamente que o bem é aquilo a que todas as coisas visam. Mas nota-se uma certa diversidade entre as finalidades; algumas são atividades, outras são produtos distintos das atividades de que resultam; onde há finalidade distintas das ações, os produtos são por natureza melhores que as atividades (Aristóteles, 1985, p.17).

Com isso, para Aristóteles, o homem é capaz de alcançar a felicidade devido à faculdade da sua razão. É por meio desta, que o indivíduo é capaz de exercer as virtudes necessárias para melhor alcançar o bem supremo, isto é, a própria *eudaimonia*. As coisas, como bens materiais, são apenas o meio para alcançar tal felicidade, e não a felicidade propriamente em si. O filósofo coloca a excelência como ponto importante para se alcançar a felicidade: a excelência intelectual. Em outras palavras, para alcançar a *eudaimonia*, temos que ter excelência moral. Ao fazer uma ética, Aristóteles determina os meios para se chegar ao fim.

Se há, então, para as ações que praticamos, alguma finalidade que desejamos por si mesma, sendo tudo mais desejado por causa dela, e se não escolhemos tudo por causa de algo mais (se fosse assim, o processo prosseguiria até o infinito, de tal forma que nosso desejo seria vazio e vão), evidentemente tal finalidade deve ser o bem e o melhor dos bens (Aristóteles, 1985, p.17).

O estagirita enfatiza a importância de agir com moderação e evitar os extremos, como os excessos ou faltas que configuram-se em vícios, argumentando que é salutar encontrar o meio-termo, ou seja, a virtude. Mas para tal, exige do indivíduo um profundo amadurecimento e autoconhecimento. Esse processo envolve uma reflexão contínua sobre nossa própria natureza e limites, permitindo-nos fazer escolhas autônomas e livres. No entanto, a escolha moral é essencial, sendo um discernimento marcado pela *phronêsis*, virtude essa, importante, que nos define como bons indivíduos. Ter a capacidade de escolher adequadamente reflete o bom julgamento moral e a capacidade de deliberar sobre o que é justo e bom.

Em todas as disposições que mencionamos, da mesma forma que nas demais, há um certo alvo a visar, no qual as pessoas que usam a razão fixam o olhar para intensificar ou relaxar os esforços no sentido de adotar o meio termo; e há um cerco padrão determinando o meio termo, que dizemos situar-se entre o excesso e a falta e ser conforme à reta razão (Aristóteles, 1985, p.113).

Além disso, a justiça, para Aristóteles, é a virtude que mais diretamente se relaciona com a ação, sendo crucial para a realização da felicidade tanto individual quanto coletiva. Para o filósofo grego, uma sociedade justa e virtuosa é aquela em que as ações são guiadas pela busca do bem comum, equilibrando os interesses individuais e coletivos.

Com vistas à justiça e à injustiça, devemos indagar quais são as espécies de ações com as quais elas se relacionam, que espécie de meio termo é a justiça, e entre que extremos o ato justo é o meio termo. Nossa investigação seguirá o mesmo curso das discussões anteriores. Observamos que, segundo dizem todas as pessoas, a justiça é a disposição da alma graças à qual elas se dispõem a fazer o que é justo, a agir justamente e a desejar o que é justo; de maneira idêntica, diz-se que a injustiça é a disposição da alma graças à qual elas agem injustamente e desejam o que é injusto (Aristóteles, 1985, p. 91).

Assim, Aristóteles discute a relação entre justiça e injustiça, e investiga as ações associadas a essas virtudes e como a justiça se posiciona como um meio-termo entre extremos, um equilíbrio. O filósofo observa e define que a justiça orienta para a prática do que é justo e bom para o homem, uma disposição da alma que leva a pessoa a agir e desejar o que é justo, enquanto a injustiça faz o contrário.

Por conseguinte, Aristóteles aborda em sua ética nicomaqueia uma extensão da razão para o estudo da excelência intelectual, dividindo o intelecto em contemplativo e calculativo. Pinheiro (2015) descreve a contemplação como o ápice da atividade racional e da felicidade. No entanto, na virtude, a felicidade se torna humana, levando o indivíduo que pratica as virtudes, especialmente a da *phronêsis*, um homem feliz. No entanto, entender o que são virtudes não torna alguém virtuoso, já que ela é, antes de tudo, uma prática.

Campelo (2014) corrobora ao afirmar que a *phronêsis* é vista na ética nicomaqueia como uma virtude prática, envolvida na procura pela *eudaimonia*, isto é, uma vida virtuosa e feliz. Aristóteles acredita que a *phronêsis* habilita a pessoa a refletir adequadamente sobre o que é benéfico para si mesma e a agir conforme essa reflexão. É importante destacar que a virtude da *phronêsis*, descrita como a boa deliberação, se diferencia da habilidade, que se refere à capacidade de agir, de executar bem as coisas. A virtude da *phronêsis* está direcionada à *práxis*, ou seja, à ação, mas não qualquer ação, como seria o caso de uma ciência; tampouco é uma técnica ou uma arte, mas uma moral voltada para a realização do bem e da boa ação, visando o bem global.

Aristóteles também elucida a falta de controle ou incontinência dos atos, que não só prejudica o próprio indivíduo, mas também afeta negativamente aqueles ao seu redor, comprometendo o desenvolvimento da *pólis*. Para ele, a moderação é indispensável para a manutenção de uma vida equilibrada e harmoniosa. Além disso, Aristóteles destaca a importância da amizade, afirmando que a verdadeira felicidade não é alcançável sem amigos.

Depois do que já dissemos cabe-nos examinar a natureza da amizade, pois ela é uma forma de excelência moral ou é concomitante com a excelência moral, além de ser extremamente necessária na vida. De fato, ninguém deseja viver sem amigos, mesmo dispondo de todos os outros bens (Aristóteles, 1985, p.155).

Segundo Aristóteles, a amizade é ao mesmo tempo necessária e favorável, promove a concórdia, a empatia e a beneficência, sendo essencial para uma vida virtuosa e plena, porque entre os amigos, desenvolvemos sentimentos de boa vontade e reciprocidade, fundamentais para o bem-estar e a coesão social. Prioritariamente, o uso da razão é fundamental para guiar as ações de maneira ética e virtuosa, pois a razão permite discernir entre os extremos e escolher o caminho do meio-termo.

Portanto, o objetivo central da ética nicomaqueia é ilustrar como o homem deve viver e o que consiste a vida humana ideal. A virtude da *phronêsis* é crucial para alcançar esse propósito, uma vez que atua como a razão que opera dentro das virtudes intelectuais para a ação das virtudes morais. Viver uma vida plena e feliz consiste, essencialmente, em viver e agir virtuosamente, e essa virtude moral se expressa de várias formas (Campelo, 2014).

5 O CONCEITO DE *PHRONÊSIS*

O vocábulo prudência vem do latim *prudentia*⁹, o qual vem de *providere*, que pode significar prever e prover. No grego, é conhecido como *phronêsis*, terminologia adotada neste estudo. Atualmente, a prudência é compreendida popularmente como uma qualidade que nos permite detectar os perigos e evitar os erros, muitas vezes associada a um excesso de cuidado e precaução. No entanto, na obra da ética nicomaqueia, a *phronêsis* designa algo muito diferente, sendo considerada uma virtude essencial na ética aristotélica e em sua aplicação na vida prática.

Como visto no capítulo anterior, Aristóteles distingue entre virtudes intelectuais (dianoéticas), como a sabedoria (*sophia*), a ciência (*episteme*) e a prudência (*phronêsis*), que se adquirem pela aprendizagem, estão relacionadas ao conhecimento e à contemplação; e as virtudes morais (éticas), ou de caráter, como a justiça, a moderação e a coragem, que se adquirem por meio do hábito. Essas virtudes não são meros reflexos condicionados, mas sim disposições interiores, ou hábitos (*ethos*), guiados pela razão, regulados pela sabedoria prática, ou seja, pela prudência, e aperfeiçoados pela experiência. Esses hábitos possuem uma qualidade teleológica (*telos*), isto é, visa a um fim ou a um propósito, que é cumprir da melhor forma possível uma determinada tarefa (Cruz, 2020).

A *phronêsis* é compreendida como uma sabedoria prática, sendo a habilidade de avaliar e escolher o melhor curso de ação, levando em consideração as circunstâncias específicas de um dado momento. Tal virtude é retratada no VI livro da obra “*Ética a Nicômaco*”. Segundo Silva (2008), Aristóteles não se baseou na concepção platônica para formular sua noção de *phronêsis*, mas na tradição, mantendo o sentido da palavra desde os tempos antigos. Ele não se fundamentou na distinção entre emoção e inteligência, mas no que origina ações ou atributos dentro das fronteiras do pensamento de cada pessoa.

⁹ A tradução das citações do tratado De prudentia, aqui apresentada, foi feita a partir da edição crítica coloniense: Sancti Doctoris Ecclesiae ALBERTI MAGNI Ordinis Fratrum Praedicatorum Episcopi. De bono. Tractatus quartus. De Prudentia. Coloniae: Monasterii Westfalorum in aedibus Aschendorff, 1951, p. 217-258.

Além do mais, via a *phronêsis* como uma virtude intelectual, ligada à verdade, ao conhecimento e à razão. Ela possibilita deliberar corretamente sobre o que é bom para a pessoa e agir conforme essa deliberação. Para Santo Agostinho, a *phronêsis* é um amor que faz escolhas inteligentes, ou seja, uma virtude que separa o que é benéfico do que é prejudicial, e permite tomar decisões acertadas. São Tomás de Aquino, na "Suma Teológica", também vê a *phronêsis* como uma virtude intelectual que permite escolher os melhores meios para alcançar um fim (Marques, 2013).

Para o filósofo grego, a *phronêsis* é uma disposição prática da moral que concerne à regra da escolha, uma disposição prática acompanhada de regra verdadeira, ou seja, ao que é bom ou mau para o homem.

A busca e a repulsa na esfera do desejo correspondem à afirmação e à negação na esfera do pensamento; por isto, já que a excelência moral é uma disposição da alma relacionada com a escolha, e a escolha é o desejo deliberado, segue-se que, para que a escolha seja boa, tanto a razão deve ser verdadeira quanto o desejo deve ser correto e este deve buscar exatamente o que aquela determina. Este tipo de pensamento e de percepção da verdade é de natureza prática; quanto ao pensamento contemplativo, que não é nem prático nem produtivo, o bom e o mau funcionamento são respectivamente a percepção da verdade e a impressão da falsidade; com efeito, esta é função de toda a parte intelectual do homem, enquanto o bom funcionamento da inteligência prática é a percepção da verdade conforme ao desejo correto (Aristóteles, 1985, p.114).

Aristóteles relaciona o desejo e a razão à excelência moral, esclarecendo que a busca e a repulsa no desejo são equivalentes à afirmação e negação do pensamento. A escolha moral correta ocorre quando o desejo adere ao que a razão determina como justo. Ele distingue entre o pensamento prático, que direciona a ação, e o contemplativo, que busca a verdade sem intenção de agir. A excelência moral deriva da harmonia entre razão e desejo, onde a razão estabelece o que é correto e o desejo age de acordo, resultando em uma escolha virtuosa. Assim, para Aristóteles, pessoas com discernimento, são capazes de bem deliberar suas atitudes, ou seja, são dotadas de excelência.

O discernimento deve ser então uma qualidade racional que leva à verdade no tocante às ações relacionadas com os bens humanos. Mas além disso, embora haja uma excelência em matéria de arte, não há tal excelência em matéria de discernimento; na arte, é preferível a pessoa que erra conscientemente, mas em matéria de discernimento, à semelhança do que acontece com as várias formas de excelência, ocorre o contrário. É claro, então, que o discernimento é uma forma de excelência, e não uma arte. Havendo, portanto, duas partes da alma dotadas de razão discernimento deve ser uma forma de excelência de uma das duas, ou seja, da parte que forma opiniões, pois a opinião se relaciona com o que é variável, da mesma forma que o discernimento. O discernimento, entretanto, não é apenas uma qualidade racional, e isto é evidenciado pelo fato de se poder deixar de usar uma faculdade puramente racional, mas não o discernimento (Aristóteles, 1985, p.117).

Além disso, Aristóteles também destaca o aspecto prático da *phronêsis*, afirmando que as ações humanas justas e virtuosas devem ser guiadas por ela. O indivíduo prudente pondera cuidadosamente antes de tomar uma decisão e agir; sendo cauteloso apenas nas circunstâncias que isso é desnecessário (Campelo, 2014).

(...) A *phronêsis* da *Ética Nicomaquéia* somente é reconhecida nos homens cujo saber é ordenado para a busca dos “bens humanos” e por isso sabem reconhecer “o que lhes é vantajoso”. Enfim, a *phronêsis* que era assimilada à *sophia*, aqui lhe é contraposta: a sabedoria diz respeito ao necessário, ignora o que nasce e perece, portanto, é imutável como o seu objeto; a *phronêsis* diz respeito ao contingente, é variável segundo os indivíduos e circunstâncias. Enquanto a sabedoria é apresentada, em outro lugar como uma forma de saber que ultrapassa a condição humana, a *phronêsis*, graças a seu caráter humano desce do primeiro nível: “é absurdo pensar que a prudência seja a forma mais elevada do saber, se é verdade que o homem não é o mais excelente do universo.” Ora, ele não o é: existem, de fato, seres muito mais divinos que o homem, por exemplo, para nos atermos aos mais manifestos, dentre eles, os Corpos dos quais o Universo é formado. Estes corpos são os astros (Aubenque, 2008, p. 23-24).

Na ética nicomaqueia, Aristóteles estabelece as bases da ética como uma investigação das virtudes e da felicidade humana. A virtude é realizar bem o que se faz, e todas as virtudes devem estar em harmonia com a *phronêsis*. O indivíduo prudente ordena suas ações visando à *eudaimonia*, ou seja, viver e agir virtuosamente para então alcançar a felicidade. Ser virtuoso não é apenas agir corretamente, mas também onde, quando e com quem for preciso. Portanto, a *phronêsis* torna-se a virtude da boa deliberação, e como virtude intelectual, guia a ação humana, e é essencial para a realização do bem supremo.

Spinelli (2005) acrescenta que o exercício da *phronêsis* deve ser em consonância com outras virtudes para alcançar a *eudaimonia*. Mesmo assim, pessoas prudentes não são infalíveis, a chance de erro está sempre à mercê na condição humana.

A *phronêsis* é uma virtude intelectual, pertencente à parte racional da alma, que requer mais do que a perfeição das capacidades racionais para promover um julgamento correto sobre o que fazer (Campelo, 2014). O indivíduo prudente torna-se um modelo de bom cidadão, um homem virtuoso, que é capaz de deliberar e julgar corretamente, considera o que é bom para si e para a *pólis*, seja em um âmbito privado ou político.

(...) assim como o ato de aprender é chamado um ato de inteligência, este significando o exercício da faculdade de conhecer, também a “inteligência” é aplicável ao exercício da faculdade de opinar com o propósito de julgar a respeito das questões com as quais a prudência está relacionada (Aristóteles, 2005, p. 12).

A deliberação, enquanto tal, não é uma noção exclusivamente ética, mas também uma noção técnica e política. O indivíduo prudente delibera visando à boa vida em geral e, como resultado dessa boa deliberação, escolhe e age corretamente.

Nós deliberamos não sobre os fins, mas sobre os meios. Pois um médico não delibera se ele deve curar, nem um orador se ele deve persuadir, nem o estadista se ele deve produzir a lei e a ordem, nem qualquer outra pessoa delibera sobre o seu fim. Tendo-o estabelecido, eles consideram como e por quais meios ele pode ser alcançado e, se parece poder ser produzido por muitos meios, eles consideram por qual ele será mais facilmente e melhor produzido; entretanto, se o fim é alcançável por apenas um meio, consideram como será alcançado por ele e por quais meios este pode ser alcançado, até que eles chegam na primeira causa, a qual, a ordem do descobrimento, é a última (Aristóteles, 2005, p.12).

A *phronêsis* nos ensina a aplicar as virtudes de maneira sensata e contextual, buscando a melhor solução em situações complexas, prevenindo interpretações errôneas que poderiam resultar em consequências desastrosas. Ela é essencial porque nenhuma das virtudes pode ser plenamente exercida sem ela, como a justiça, por exemplo, requer deliberação, decisão e ação. Sem ela, nenhuma virtude pode ser considerada completa, porque a inteligência prática é necessária para transformar intenções virtuosas em ações eficazes e moralmente corretas. Portanto, a *phronêsis* representa o "cérebro" do bem, indispensável para a prática das virtudes, mesmo sem possuir mérito próprio (Comte-Sponville, 1996).

Além do mais, de acordo com Campelo (2014), Aristóteles considera que a *phronêsis* habilita o indivíduo a deliberar corretamente sobre o que é benéfico para ela, transformando suas atitudes com base nesta decisão. Por outro lado, de acordo com Pinheiro (2015), o conceito de *phronêsis* em Aristóteles, é crucial para entender a ética e sua aplicação na vida prática. Desse modo, ao analisar a teoria da obra aristotélica, nota-se a função da *phronêsis* na formação da ação virtuosa. Segundo o autor, Aristóteles tece uma pesquisa acerca da felicidade, apresentando seu conceito e os elementos que a compõem, bem como os fatores que contribuem para uma vida feliz. Outrossim, destaca que a felicidade vincula-se à virtude por meio de um elemento cognitivo representativo da excelência racional do homem, voltada para fins práticos, no qual, o componente intelectual que compreende o reconhecimento e efetivação da boa ação identifica-se na *phronêsis*.

Por fim, a virtude da *phronêsis* é essencial para a construção de um caráter ético e sólido, principalmente no desenvolvimento para o modelo de um indivíduo prudente, a fim de desempenhar um papel fundamental na prática das demais virtudes. Com isso, Comte-Sponville (1996) descreve a virtude da *phronêsis* como a base sobre a qual todas as outras virtudes se sustentam, atuando como a inteligência prática que guia a ação ética. Este entendimento ressoa na perspectiva de Alasdair MacIntyre sobre a *phronêsis* na ética aristotélica, onde a virtude da *phronêsis* envolve um julgamento contínuo sobre como aplicar as virtudes nas circunstâncias concretas da vida, respeitando as tradições e memórias que formam a base moral de uma sociedade.

Diante do exposto, pergunta-se: qual a importância da virtude da *phronêsis* para se alcançar a felicidade, mediante a relação das virtudes éticas e dianoéticas?

6 A IMPORTÂNCIA DA VIRTUDE DA *PHRONÊSIS* SOB A VISÃO DE ALASDAIR MACINTYRE

6.1 A RECUPERAÇÃO PRÁTICA DA ÉTICA DAS VIRTUDES ARISTOTÉLICAS

Após realizar uma breve explanação acerca dos aspectos fundamentais da filosofia de Aristóteles no que tange à ética, assim como a descrição das virtudes, em especial a *phronêsis*, convém explanar mais nitidamente as tangências e divergências de seu pensamento na era contemporânea. A contraposição crítica e renovada de filósofos, como Alasdair MacIntyre, abre espaço para desenvolver uma visão mais sintética do assunto.

A visão de Alasdair MacIntyre corrobora com a ética aristotélica, especialmente quando se trata da virtude da *phronêsis*, oferece *insights* importantes para a compreensão da ética contemporânea, pois busca nos apresentar como a racionalidade, o bem humano e a tradição são oferecidas como alternativas diante das dificuldades humanas em meio ao relativismo e individualismo social, que podem nos impedir de alcançar a *eudaimonia*. Carvalho (1999) relata que Alasdair MacIntyre é um dos principais filósofos contemporâneos que utiliza o pensamento ético aristotélico como ponto central para sua reflexão filosófica. O filósofo escocês, defensor da retomada da ética das virtudes como resposta à crise moral moderna, enfatiza a importância da comunidade política na formação das virtudes éticas (morais) e dianoéticas (intelectuais).

Uma característica salutar do aparato cultural ocidental contemporâneo é a tematização da ética nas diversas esferas das atividades humanas. Entretanto, se por um lado isso pode nos apontar um otimismo para o crescimento e possível melhora da moral humana, nos revelando a necessidade de desenvolver cada vez mais novas exigências éticas; por outro lado, esse aparente consenso social de uma *pólis* mais ética, pode nos levar à busca de respostas ao questionamento a respeito da pergunta sobre a importância das virtudes na sociedade, em especial a da *phronêsis*, motivando-nos a um aprofundamento de todo arranjo cultural, a fim de ter a *phronêsis* como eixo central na busca da felicidade humana.

A princípio de discussão, tomemos uma das principais obras de MacIntyre: *After Virtue*¹⁰, publicada em 1983, reformulada e ampliada com a publicação de obras posteriores, sendo amplamente reconhecida como um dos maiores contributos para a revitalização da ética das virtudes na filosofia moral contemporânea e nas discussões éticas (Barzotto, 2023). Após apresentar uma crítica sólida às teorias éticas que dominam a sociedade atual, focadas em direitos, deveres e consequências, o filósofo Alasdair MacIntyre defende um retorno à tradição aristotélica-tomista, produzindo um giro significativo na filosofia moral. Ele sustenta que as virtudes estão profundamente ligadas às práticas e atividades humanas cotidianas, e que é responsabilidade dos indivíduos envolvidos nessas práticas desenvolver padrões de excelência, os chamados bens internos, específicos a cada atividade humana (Cruz, 2020).

Através da tradição aristotélica, MacIntyre vai recuperar a ética das virtudes – a virtude enquanto um bem, objetivo e fim em si mesmo. Para ele, as virtudes são as qualidades que possibilitam alcançar esses bens internos, inerentes a cada prática, ou seja, a cada atividade humana. A busca por esses bens é o que fomenta a criação de comunidades morais, que reconhecem a unidade narrativa da vida humana e valorizam seu legado histórico, sociológico e cultural, para assim alcançar a *eudaimonia* (Cruz, 2020). Porém, de acordo com MacIntyre, tanto a nossa cultura geral quanto a filosofia são herdeiras de uma tradição cultural que falhou em resolver seus dilemas práticos e filosóficos. Esse fracasso moldou a natureza dos nossos

¹⁰ O termo “After” em *After virtue*, retém, no inglês, a ambiguidade do significado “depois” como foi traduzido em português – Depois da virtude – “em busca de”. Assim, MacIntyre descreve tanto o mundo moderno, em que a virtude ficou para trás (depois), como um projeto de retomada (em busca de) da centralidade da virtude na vida contemporânea (Barzotto, 2023).

atuais problemas filosóficos e sociais: a cultura iluminista, fomentada por filósofos modernos.

6.2 O FRACASSO ILUMINISTA E A SOLUÇÃO PELA *PHRONËSIS*

MacIntyre oferece uma contribuição significativa e importante para a ética contemporânea ao valorizar, primeiramente, a história da ética e, em segundo lugar, ao criticar a ética formalista de influência kantiana, que promoveu a indiferença às circunstâncias, ao contexto e à cultura do sujeito ético. O motivo de ser crítico ao filósofo moderno, é devido Kant fundamentar sua ética na ação motivada pelo dever, orientada pelos imperativos categóricos da razão.

Ademais, pondera a oposição de Nietzsche à tradição da moral, por ser considerado o último grande adversário da tradição aristotélica. Para MacIntyre, o erro de Nietzsche foi tomar a condição específica da justiça moral em seu tempo e estendê-la, de forma equivocada, à natureza. Para Pereira (2021), a abordagem de MacIntyre quanto a ética está ancorada nas relações comunitárias e culturais, sendo uma ética teleológica, voltada para o bem e para a busca da vida boa, e uma ética racionalista que, embora se baseie na razão, não ignora as emoções, os afetos e a dependência das circunstâncias sociais e culturais.

Segundo MacIntyre, a principal consequência do fracasso do projeto iluminista de justificar racionalmente a moralidade, é o dilema que esse fracasso causou na sociedade contemporânea. As alternativas decorrentes desse dilema são duas: aderir ao projeto nietzschiano de uma crítica radical à moralidade, ou retornar à ética das virtudes aristotélicas como meio de restabelecer a coerência e a racionalidade na esfera moral, fortemente afetada pelo desacordo na cultura contemporânea.

MacIntyre argumenta que a crítica moral de Nietzsche é uma consequência extrema do projeto iluminista, que concebia o indivíduo moral como autônomo e desvinculado da sociabilidade e do contexto histórico. Nietzsche impõe barreiras fundamentais nesse projeto, revelando a falha do iluminismo em fornecer uma base universal para a moralidade. Ele rejeitou a ideia de fundamentar a moralidade de maneira objetiva, promovendo uma visão construída a partir da vontade de poder e da subjetividade do indivíduo. Nietzsche também criticou as moralidades iluministas por negligenciar o aprimoramento do caráter humano e a aquisição de virtudes, priorizando as regras e obedecendo-as em detrimento do desenvolvimento ético. Isso resulta em um dilema nas culturas contemporâneas, que subestimam a importância das virtudes. Em resposta, MacIntyre defende que as virtudes devem ser reintegradas ao cerne da moralidade, desempenhando um papel essencial no desenvolvimento do caráter humano e na vida moral (Carvalho, 2013).

MacIntyre identifica a solução para o impasse entre Aristóteles e Nietzsche na retomada do espírito geral da psicologia moral aristotélica, que se insere em uma tradição de investigação racional. Segundo MacIntyre, a moralidade está enraizada nas disposições de caráter, moldadas pelo hábito, e que são caracterizadas como virtudes pela sua orientação em direção aos fins que compõem a boa vida humana (Carvalho, 2013).

Contudo, a secular rejeição da teologia cristã, que ainda preservava o elemento teleológico do modelo clássico, aliada à rejeição científica e filosófica do aristotelismo, eliminou a possibilidade de entender o ser humano como indivíduo que se realiza ao alcançar seu *télos*. A supressão dessa visão da essência humana e sua teleologia levou à criação de um esquema moral composto por elementos remanescentes do esquema clássico, cujas relações internas tornaram-se extremamente obscuras. Sem um *télos* que permita aos preceitos morais desempenharem seu papel de intermediário entre o estado inicial e a concretização da essência humana, converte-se esses preceitos em normas que contradizem as tendências da natureza humana, sendo concebidas de maneira não teleológica (Carvalho, 2013).

Segundo Rosa (2016), para Alasdair MacIntyre, os desafios relacionados à justificação moral na ética estão historicamente situados na ruptura da estrutura fundamental religiosa, a qual fornecia a base racional para a vida ética no final da Idade Média. Acontece que, com a chegada da modernidade, o modelo medieval foi ultrapassado. Essa mudança fez com que a religião deixasse de ser a principal referência para as ações humanas, transferindo à filosofia a responsabilidade de desenvolver um novo modelo ético em meio a profundas transformações da sociedade. O projeto filosófico iluminista, surgido na modernidade, visou oferecer uma justificativa racional para a moralidade, baseada em três eixos principais: moral, filosófico e sociopolítico.

Assim, de acordo com MacIntyre, ao tentar fundamentar uma "racionalidade" para as ações humanas, os iluministas negligenciaram as condições sócio-históricas.

Conforme aborda Lins,

O que acontece hoje é uma ilusão por meio de simulacros e máscaras de agirmos moralmente, quando na verdade não existe uma moralidade que não esteja pressionada pelo poder arbitrário, tirano. A moralidade hoje está sufocada por uma ausência de paradigmas externos ao estado emocional das pessoas, em que o próprio estado emocional do sujeito o impede de pensar de forma isenta sobre as questões de moral e assim conduzir seu comportamento coerente com valores e princípios objetivamente formulados (Lins, 2008, p. 37)

Diante da crise moral atual, torna-se urgente buscar uma solução para esse problema. Por isso, o filósofo MacIntyre defende a necessidade de uma refundação das virtudes, em especial a *phronêsis*, propondo um retorno às teses de Aristóteles e de São Tomás de Aquino, como caminho para superar a crise moral moderna, não apenas para a vida individual, mas também para a vida comunitária. Sem o cultivo da *phronêsis* e das demais virtudes, a sociedade permanece à mercê do relativismo e do individualismo, características sociais que vem se destacando de forma exacerbada nos dias de hoje.

6.3 A RELEITURA DE MACINTYRE E A TELEOLOGIA ARISTOTÉLICA

Diante da proposta de solução, para superar a crise moral moderna, faz-se necessário recuperar a compreensão do propósito humano, ou *télos*, que orientam nossas ações e decisões. MacIntyre faz uma releitura em consonância com a teleologia aristotélica em que "[...] há uma diferença fundamental entre 'o homem como ele é' e o homem

como poderia ser se realizasse sua natureza essencial” (MacIntyre, 2001, p. 99). Ele afirma que, ao descobrir a própria essência, podemos identificar também um propósito, um *télos* a ser alcançado, ou seja, um objetivo de vida que orienta a nossa trajetória. Durante esse percurso, cabe-nos desenvolver ações que estejam em harmonia com esse propósito, moldando nossa vida de acordo com ele:

[...] os preceitos que impõem as diversas virtudes e proíbem os vícios que são suas contrapartidas nos ensinam como passar da potência ao ato, como descobrir nossa verdadeira natureza e alcançar nosso verdadeiro fim. Desobedecê-los será tornar-se frustrado e incompleto, deixar de alcançar o bem da felicidade racional que é a peculiaridade que a nossa espécie procurar atingir (MacIntyre, 2001, p. 99-100).

Nesse sentido, MacIntyre enfatiza que, dentro de uma comunidade, cada indivíduo tem deveres e obrigações que não servem apenas aos seus próprios interesses, mas também ao bem comum de todos. Em outras palavras, MacIntyre recupera uma teleologia aristotélica. Isso significa que, ao conhecer quem realmente sou, percebo que tenho um propósito a cumprir, um caminho de vida a seguir, um projeto a desenvolver ao longo dessa jornada. A vida social é, portanto, uma troca constante de responsabilidades que contribui para o florescimento coletivo, resgatando o sentido das virtudes em um contexto de interdependência social.

Deste modo, uma busca guiada por um *télos* requer uma concepção do bem que possibilite a ordenação de outros bens, expande nosso entendimento sobre o propósito e o conteúdo das virtudes e nos auxilia a compreender a importância da integridade e da constância na vida. No final, essa busca estabelece o estilo de vida que se dedica à busca pelo bem, incentivando um aprendizado constante tanto sobre a essência desse bem quanto sobre o autoconhecimento do próprio sujeito moral (Carvalho, 2013).

Em vista disso, viver a ‘boa vida’ varia conforme as circunstâncias, mesmo que se compartilhe a mesma concepção e um conjunto similar de virtudes. Isso ocorre não só porque somos indivíduos diferentes lidando com realidades distintas, mas também porque cada um de nós possui uma identidade social única. Assim, nossa identidade, ou seja, o nosso ‘Eu’, está fortemente vinculada aos papéis e ao *status* social e histórico que se ocupa. A trajetória de nossa existência está intrinsecamente ligada à história das nossas comunidades, que moldam e influenciam a nossa identidade pessoal (Carvalho, 2013).

Nesse contexto, para Costa (2015), uma comunidade em crescimento se distingue pela educação moral de seus integrantes, com um controle constante das paixões através da prática das virtudes. Isso possibilita o pleno desenvolvimento dos cidadãos, enquanto os vícios são progressivamente removidos das esferas social e política. Assim, alcançar a excelência e buscar a *eudaimonia*, é um dever coletivo na comunidade, auxiliando na prevenção de excessos na esfera política, familiar e nas relações econômicas. Nesse modelo de organização social-política, a identidade é sustentada por fortes laços de confiança, integridade e das virtudes essenciais, capazes de controlar o relativismo e o individualismo social.

Contudo, Costa (2015), também relata que Alasdair MacIntyre tem gerado uma grande controvérsia, tanto pela sua retomada do pensamento de São Tomás de Aquino,

quanto pelo seu diagnóstico 'negativo' da modernidade. Para MacIntyre, o período moderno não representa um progresso moral, mas uma etapa de declínio. Argumenta que essa deterioração está associada à perda de uma identidade social direcionada a um propósito específico, ou seja, à falta de uma visão teleológica da vida. Ao perder essa perspectiva, a sociedade atual se distancia do ideal aristotélico de uma vida voltada para o bem coletivo.

6.4 A BUSCA PELA TRADIÇÃO FILOSÓFICA

Não obstante da teleologia, o caráter do sujeito moral é formado e se desenvolve em um contexto social específico, por meio da participação em práticas que giram em torno dos fins de cada tradição. A maturidade moral é adquirida por meio da reflexão sobre o modo de vida vivido e da avaliação das ações, que são compreendidas como vícios ou virtudes, fracassos ou sucessos. Essa interpretação ocorre por meio de uma narrativa pessoal formada dentro de uma tradição, que é tanto constituída pela comunidade quanto parte integrante dela (Carvalho, 2013). Por isso, buscar as tradições filosóficas como as de Aristóteles e São Tomás de Aquino, pode nos colocar em condições para caminhar em solo firme, a fim de trazer coesão e superar o relativismo e individualismo social. Em decorrência disso, para nos formarmos como seres humanos morais, precisamos de bases sólidas, como as fornecidas pelos conceitos de tradição, prática e narrativa da vida humana (Rosa, 2016).

MacIntyre identifica que esses conceitos fornecem as bases e os princípios teóricos necessários para compreender o papel das virtudes no contexto contemporâneo, visto que o ser humano é parte integrante da *pólis*, onde realiza diversas ações relacionadas a si próprio e aos outros indivíduos. E chama a atenção para a importância de voltar às origens clássicas, onde a sociedade atual encontra instrumentos suficientes para superar o fracasso iluminista na definição da moralidade (Rosa, 2016).

Nesse sentido, para Rosa (2016), a formação moral não se dá apenas na individualidade, mas também nas relações com os outros, o ambiente e as tradições. A construção da moralidade ocorre com base nas virtudes valorizadas em âmbito pessoal e social, incluindo a comunidade, o grupo e as tradições, o que corrobora com o pensamento de Aristóteles sobre a amizade e a busca pelo bem comum, conforme explorado no primeiro capítulo.

Além disso, o entendimento ou o reconhecimento do indivíduo em relação a uma tradição acontece através das práticas, que são inerentes à vida. MacIntyre procura, na teoria aristotélica das virtudes, a definição de prática como uma atividade inerente ao ser humano. Assim a prática será entendida como:

Qualquer forma coerente e complexa de atividade humana cooperativa, socialmente estabelecida, por meio da qual os bens internos a essa forma de atividade são realizados durante a tentativa de alcançar os padrões de excelência apropriados para tal forma de atividade, e parcialmente delas definidores, tendo como consequência a ampliação sistemática dos poderes humanos para alcançar tal excelência, e dos conceitos humanos, dos fins e dos bens desenvolvidos (MacIntyre, 2001, p. 326).

Observa-se que as virtudes estão intrinsecamente relacionadas ao contexto das práticas de cada indivíduo dentro de sua comunidade. São as virtudes que fornecem as qualidades de caráter e intelecto necessárias para seu cultivo e adaptação diante dos desafios históricos e contingentes das atividades características de cada comunidade ou tradição. Segundo MacIntyre (2001), "A virtude é uma qualidade humana adquirida, cuja posse e exercício costuma nos capacitar a alcançar aqueles bens internos às práticas e cuja ausência nos impede, para todos os efeitos, de alcançar tais bens" (MacIntyre, 20021, p. 301).

Assim, conforme Ribeiro (2012), as virtudes definem a natureza das interações entre os indivíduos no contexto da prática. No entanto, os bens exteriores, como a fama, o prestígio e a busca pelo reconhecimento, ou até mesmo a inserção do indivíduo em uma sociedade relativista e individualista, podem conduzir à corrupção dos bens interiores. Questões importantes relatadas indiretamente por Aristóteles na ética nicomaqueia, ao abordar sobre a importância do equilíbrio, do meio-termo, quanto aos exageros, excessos ou faltas que configuram em vícios.

Ademais, para Silva (2022), o conflito entre a época predecessora e a clássica revela que, independentemente de uma pessoa ser virtuosa ou viciosa, bem-sucedida ou não em seus empreendimentos, a dimensão narrativa continua a orientar cada vida humana, que expressará uma história cuja a forma dependerá do que se considera mal e risco, e de como o sucesso e o fracasso, o progresso ou o regresso, são compreendidos e avaliados. Assim, como cita Brugnera (2015), no qual a vida humana deve sempre ser expressa através dessa narrativa contínua:

[...] como um progresso, enfrentando males e riscos. O indivíduo precisa superá-los. Nessa tentativa, pode obter êxito, mesmo que parcial, ou não. O êxito estará relacionado com determinadas qualidades positivas que os protagonistas morais consigam desenvolver. Entretanto, independente do êxito ou do fracasso, MacIntyre chama a atenção para o fato de que cada vida humana, e também da comunidade na qual está inserido, vai representar uma história que é expressa numa certa ordem narrativa que lhe confere inteligibilidade (Brugnera, 2015, p. 107).

Segundo MacIntyre, a vida humana é uma jornada que envolve enfrentar desafios, onde o sucesso depende das qualidades positivas que o indivíduo desenvolve. Mesmo com vitórias ou fracassos, cada vida compõe uma história única, integrada à narrativa maior da comunidade, o que traz sentido e compreensão a essa trajetória. Neste ponto da discussão, Silva (2022) enfatiza que, embora explore a filosofia aristotélica em detalhes, Aristóteles é, para MacIntyre (2001), "representante de uma longa tradição, alguém que articula o que inúmeros antecessores e sucessores também articularam com graus variados de êxito" (MacIntyre, 2001, p. 249).

Para MacIntyre, somente o retorno ao paradigma da tradição das virtudes pode devolver a racionalidade ao agir e ao raciocínio moral. Isso deve ser compreendido em um contexto das tradições, das práticas e da narrativa da vida de cada indivíduo, inserida em um ambiente social e histórico inteligível para seus integrantes (Rosa, 2016).

No entanto, ao abordar a questão da *phronêsis*, surge a questão: será que essa virtude se limita à escolha adequada dos meios para alcançar um fim previamente

estabelecido, como a *eudaimonia*, ou também inclui a capacidade de discernir e escolher corretamente os próprios fins, com base nas tradições, nas práticas e nas narrativas que moldam a vida de cada indivíduo?

6.5 A *PHRONÊSIS* COMO VIRTUDE CENTRAL NO CAMPO PRÁTICO E POLÍTICO

O filósofo Alasdair MacIntyre enfatiza que a *phronêsis* é uma virtude intelectual central sem que nenhuma outra virtude de caráter possa ser plenamente exercida. Aristóteles distingue esses dois tipos de virtude com base em como são adquiridas: as virtudes intelectuais, como a *phronêsis*, são adquiridas pela instrução, enquanto as virtudes de caráter, como a bondade, se desenvolvem pelo exercício habitual da mesma (MacIntyre, 2001).

O exercício da virtude exige deliberação, e a deliberação da *phronêsis* não se refere a um ato de escolha deliberada entre fins e meios; ela orienta o que é, e o que não é um fim. Para MacIntyre, a *phronêsis* é a virtude que orienta a escolha dos fins e dos meios. É, portanto, uma forma de deliberação que envolve não apenas a capacidade de decidir, mas também a habilidade de discernir o que é verdadeiramente bom (MacIntyre, 2001).

Nesse sentido, a *phronêsis* se destaca das outras virtudes por sua função de organizar os meios e fins, mostrando-se indispensável para a vida moral. Ela não apenas determina os fins e não se limita a uma escolha entre os fins, mas também organiza os meios adequados para realizá-los, enfatizando a importância de se tomar decisões éticas, tornando-se a virtude central no campo prático e político, sempre considerando o contexto específico. MacIntyre argumenta que ela capacita o indivíduo a agir conforme a razão correta, buscando o bem humano em todas as suas práticas, ou seja, em suas atividades humanas (Carvalho, 2011).

Carvalho (2011) ainda acrescenta que, educar para a virtude envolve controlar, disciplinar e transformar desejos e sentimentos para alcançar uma vida que seja realmente boa e benéfica para os seres humanos. Contudo, para MacIntyre, o conhecimento que permite compreender por que essa vida é a melhor só surge como consequência de se tornar uma pessoa virtuosa. Sem esse entendimento, não é possível agir ou julgar racionalmente. Assim, quem não é educado nas virtudes, especialmente na *phronêsis*, está impossibilitado de avaliar corretamente o que é bom para si e para a *pólis*. Portanto, deve-se entender que, na época clássica, “[...] o meio onde as virtudes são exercidas e segundo o qual devem ser definidas é na *pólis*” (MacIntyre, 2001, p. 232).

Além do mais, no que diz respeito à educação das virtudes, MacIntyre (2001) ressalta que as virtudes não podem ser ensinadas de forma isolada. Elas precisam ser desenvolvidas em um contexto social que valorize a virtude e a busca do bem. A formação moral requer uma comunidade que compartilhe esses valores e que ofereça um ambiente propício para o desenvolvimento da *phronêsis*. A presença de uma comunidade é, portanto, fundamental para o cultivo da *phronêsis*. Sem uma rede social que promova a reflexão e a prática das virtudes, o indivíduo pode encontrar dificuldades para desenvolver um sentido ético robusto e coeso.

Carvalho (2011) destaca a importância do aprendizado progressivo das virtudes dentro da comunidade política, onde os indivíduos podem aprimorar sua capacidade de julgamento *phronético*. Analisa a interpretação de MacIntyre sobre a *phronêsis* como uma virtude da boa deliberação, destacando sua relação com a tradição aristotélica e sua relevância na resolução de dilemas éticos na sociedade moderna. Ademais, explora a interpretação do mesmo sobre a *phronêsis*, destacando sua importância na crise moral moderna e a necessidade de uma comunidade que compartilhe os valores e as virtudes para que a *phronêsis* possa ser exercida adequadamente. Nesse contexto, corrobora com as ideias de MacIntyre, no qual o filósofo enfatiza que a crise moral atual demanda uma revisão das virtudes, e que a *phronêsis* só pode ser plenamente cultivada em uma comunidade que compartilhe esses princípios. A construção de uma vida virtuosa depende da capacidade de deliberação em conjunto com os outros, visando o bem coletivo.

Silva (2022) também discute a visão de MacIntyre sobre a *phronêsis* como parte integrante da vida ética em comunidade, enfatizando sua importância na busca pelo bem comum e na superação da crise moral. Além do mais, para o autor, MacIntyre acredita que sua concepção de tradição expressa uma teoria do conhecimento que é bastante anti-aristotélica, pois sustenta que o presente só pode ser plenamente compreendido como uma crítica e reação ao passado, sempre com o objetivo de estabelecer um futuro mais adequado.

Aristóteles atribui a tarefa de desenvolver uma teoria do bem que seja tanto local quanto particular, ou seja, uma teoria moldada e parcialmente determinada pelas características próprias da *pólis*. Mas o que seria o bem para o ser humano?

Aristóteles tem argumentos convincentes contra a identificação desse bem com o dinheiro, com a honra e com o prazer. Ele lhe dá o nome de *eudaimonia* - como é frequente, há dificuldade de tradução: bem-aventurança, felicidade, prosperidade. É o estado de estar bem e fazer bem ao estar bem, do homem estar bem favorecido em relação a si mesmo e em relação ao divino. Mas quando Aristóteles dá esse nome ao bem para o homem, deixa praticamente em aberto a questão do conteúdo da *eudaimonia* (MacIntyre, 2001, p. 253).

Logo, as virtudes, em especial a *phronêsis*, são precisamente os talentos cuja a posse permite ao indivíduo alcançar a *eudaimonia* e a falta dessas virtudes frustra o progresso rumo ao *telos*, ou seja, a finalidade de ser feliz. Aristóteles define o bem supremo para o ser humano como *eudaimonia* — um estado de felicidade, prosperidade e bem-estar. Esse conceito abrange a realização do bem pessoal e em relação ao divino, sendo as virtudes as características que possibilitam ao indivíduo alcançar tal condição. Segundo MacIntyre (2001), a felicidade não pode ser alcançada sem a prática das virtudes.

Além disso, afirma que “[...] numa estrutura aristotélica, a afirmação de que pode haver algum meio de alcançar o bem para o homem sem o exercício das virtudes não faz sentido” (MacIntyre, 20021, p. 254).

E acrescenta: “[...] Mas o exercício das virtudes não é, nesse caso, um meio para o fim do bem para o homem, pois o que constitui o bem para o homem é uma vida humana completa, vivida da melhor forma possível” (MacIntyre, 20021, p. 254).

Com isso, a consequência imediata de se realizar o exercício das virtudes é uma escolha que nos leva a um ato correto, ou seja, com a ausência das virtudes não é possível realizar atos corretos, a fim de possuir uma vida humana completa. Assim, ressalta-se, que a *phronêsis*, também é uma virtude de escolha correta.

Na concepção aristotélica, a *phronêsis* não é apenas um conhecimento prático, mas uma capacidade de julgar as circunstâncias e de agir de maneira adequada. MacIntyre destaca que essa virtude não é um mero instrumento para alcançar um objetivo, mas uma habilidade que envolve a compreensão do que é bom e desejável. A prática da *phronêsis* requer uma educação que vá além da mera instrução, englobando a experiência e a formação de caráter. A ação moral, portanto, não pode ser reduzida a cálculos de eficiência, mas deve ser guiada pela sabedoria e pela capacidade de discernimento (MacIntyre, 2001).

Além do mais, MacIntyre (2001) levanta a questão do que fazer em relação aos indivíduos que possam estar desprovidos de uma instrução adequada sobre as virtudes de caráter. Aristóteles, entretanto, responde que, a essas pessoas, há a carência de meios que auxiliam na organização de suas emoções e desejos, influenciando na decisão racional entre o cultivo e incentivo, ou inibição e redução desses sentimentos. Logo, “Agir virtuosamente não é, como mais tarde pensaria Kant, agir contra a inclinação; é agir com base na inclinação formada pelo cultivo das virtudes” (MacIntyre, 2001, p. 255). Ou como defendeu Nietzsche, que considerava a moral nociva e que deveria ser superada, e não identificava a vida virtuosa com a ‘vida boa’. Para MacIntyre, “O agente genuinamente virtuoso, porém, age com base num juízo verdadeiro e racional” (MacIntyre, 2001, p. 255), faz o que é virtuoso porque é um indivíduo virtuoso, diferenciando-se do exercício de certas qualidades, que não são virtudes, são apenas habilidades. Como exemplo, seria a virtude da justiça, pois saber a aplicação de uma lei, só é possível para um indivíduo que possua a virtude da justiça, a fim de favorecer uma vida boa para a *pólis*.

Para MacIntyre (2001), vale ressaltar a insistência de Aristóteles de que não encontra-se as virtudes apenas na vida do indivíduo, ou seja, no individualismo, mas também na vida da *pólis*, e que o indivíduo só é genuinamente inteligível como um *politikón zôon*¹¹. Afirma que a relação de cidade-estado é a única forma política na qual as virtudes humanas podem ser autênticas e totalmente expressadas, ou seja, é na *pólis* que se torna possível o desenvolvimento verdadeiro e pleno das virtudes de cada indivíduo. Toda atividade tem algum bem como finalidade, pois “um bem é aquilo a que os seres humanos normalmente aspiram” (MacIntyre, 2001, p. 252). A prática das virtudes visa à obtenção do que é realmente bom para o homem em geral, e não apenas para qualquer indivíduo particular. Portanto, isso exige escolhas acerca dos meios para alcançar esse fim, o bem supremo.

Por fim, a crise moral da modernidade exige uma reflexão sobre a natureza das virtudes e sobre como cultivá-las em nossa vida e sociedade. Alasdair MacIntyre nos convida a repensar a ética das virtudes à luz da tradição aristotélica e de uma nova visão de comunidade, propondo que a *phronêsis* se torne parte essencial de uma ética

¹¹ Zoon Politikon (Animal Político) é uma expressão utilizada pelo filósofo grego Aristóteles de Estagira (384 a.C – 322 a.C), discípulo de Platão, para descrever a natureza do homem – um animal racional que fala e pensa (zoon logikon), em sua interação necessária na cidade-estado (pólis).

que valorize não apenas a ação individual, mas a interconexão das vidas humanas em busca do bem comum. Através da prática, da reflexão e da deliberação, podemos reencontrar a possibilidade de construir uma sociedade mais justa e virtuosa. Em suma, a *phronêsis* é essencial para uma vida virtuosa e só pode ser plenamente desenvolvida dentro do contexto da *pólis*, onde os indivíduos podem aprender a discernir o bem humano como um todo e aplicá-lo em suas atividades, a fim de alcançar a *eudaimonia*, favorecer o bem comum na *pólis*, e controlar ou/ impedir o desenvolvimento de uma sociedade que têm se tornado cada vez mais relativista e individualista.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da virtude da *phronêsis* na ética aristotélica, segundo a visão de Alasdair MacIntyre, permite compreender a profundidade e a importância dessa virtude, tanto na antiguidade, quanto na contemporaneidade. Aristóteles delineou-a como uma virtude essencial para a ação moral correta e a busca pela *eudaimonia*, destacando seu papel no contexto da *pólis*. Por meio da *phronêsis*, o indivíduo é capaz de deliberar e escolher ações que promovam o bem comum.

A leitura mais ortodoxa de MacIntyre nos chamou fortemente a atenção para um ponto essencial no pensamento aristotélico: a ideia da *pólis* como *locus* da realização plena da condição humana. Oferece uma solução plausível à fragilidade social atual, recorrendo à forte exigência aristotélica de pensar o homem em uma comunidade ordenada e constituída em torno do bem comum e da vida boa para o homem em sua totalidade.

Ao revisitar a ética aristotélica, MacIntyre coloca a *phronêsis* no centro das discussões éticas contemporâneas a fim de recuperar uma moralidade baseada em tradições e práticas comunitárias, contrapondo-se ao individualismo moderno. Para MacIntyre, a *phronêsis* é essencial para a formação de virtudes éticas e dianoéticas, capacitando os indivíduos a navegar pelos complexos desafios morais da sociedade atual.

A reflexão de MacIntyre sobre a crise da moralidade contemporânea revela a necessidade urgente de resgatar uma ética fundamentada nas virtudes aristotélicas, argumentando que a dissolução dos paradigmas universalistas, fruto da modernidade, não apenas fragmentou a prática moral, mas também levou ao desprezo das tradições históricas que moldaram a moralidade ao longo do tempo.

MacIntyre não propõe um retorno ao passado, mas sim uma reinterpretação que oferece recursos para lidar com os desafios éticos contemporâneos. Com uma narrativa histórica que confere sentido às ações morais e às virtudes, ele convida à reflexão sobre a relação entre ação e ética em um contexto social e histórico. Sua abordagem visa reconstruir uma moralidade mais sólida e racional, que valoriza as tradições enquanto enfrenta as complexidades da vida moderna. MacIntyre, assim, se destaca no debate filosófico atual, integrando o legado grego às questões éticas de nossa sociedade.

Neste trabalho, procurou-se examinar *phronêsis* como um guia para a ação moral correta e sua importância para alcançar a *eudaimonia* em contextos contemporâneos.

A reflexão sobre os ensinamentos aristotélicos, juntamente com as interpretações e contribuições de MacIntyre, revela que a *phronêsis* continua a oferecer um caminho sólido para a prática ética, destacando-se como um meio vital para enfrentar os dilemas éticos contemporâneos. A recuperação e valorização da *phronêsis* podem, assim, contribuir significativamente para a renovação do discurso ético e a promoção de uma *pólis* menos relativista e individualista, tornando-a mais justa e coesa.

8 REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2007.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. Tradução Mário da Gama Kury. Distrito Federal, Brasília. Editora Universidade de Brasília, 1985.

AUBENQUE, P. **A prudência em Aristóteles**. Tradução de Marisa Lopes. 2. ed. São Paulo: Discurso Editorial, Paulus, 2008.

BARZOTTO, L. F. O Círculo Ético: Uma resenha a Alasdair MacIntyre. **Revista de Direito Brasileira**, Florianópolis, v. 35, n. 13, p. 405-436, maio./ago. 2023.

BRUGNERA, N. L. **Tradição e relativismo moral em Alasdair MacIntyre**. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

CAMPELO, O. B. M. A prudência aristotélica/the aristotelic prudence. **Revista Jurídica Eletrônica da UFPI**, Teresina, Piauí, v. 1, n. 07, p. 20-40, jun./ago. 2014.

COMTE-SPONVILLE, A. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CARVALHO, H. B. A. de. Tradição e racionalidade na filosofia de Alasdair MacIntyre. São Paulo, **Unimarco**. 2 ed. v. 3, n. 6, p. 161–164, 1999.

CARVALHO, H. B. A. de. A *phronêsis* aristotélica: breve comparação das leituras de Alasdair MacIntyre e Paul Ricoeur. **Revista Hypnos**. n. 27, p. 260-238, 2011.

CARVALHO, H. B. A. de. Ética das virtudes em Alasdair MacIntyre: Tradição, racionalidade e bem humano. **Philosophos-Revista de Filosofia**, v. 18, n. 1, p. 75-101, jan./jun. 2013.

COSTA, J. C. O que Alasdair MacIntyre tem a nos ensinar acerca da crise moral e política da modernidade?. **Revista Seara Filosófica**, Goiânia, n. 11, p. 91-110, 2015.

CRUZ, J. S. Ética das virtudes: em busca da excelencia. **Revista de Medicina**, São Paulo, v. 99, n. 6, p. 591-600, nov./dez. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LINS, M. J. S. da C. Educação Moral na Perspectiva de Alasdair MacIntyre. Rio de Janeiro, **Access**, 2007.

MANIERI, D. O conceito de areté em Aristóteles. Petrópolis, Rio de Janeiro. **Synesis**, v. 9, n. 2, p. 15-29, ago./dez. 2017.

MACINTYRE, A. **Depois da Virtude**: um estudo em teoria moral. Tradução de Jussara Simões. ed.2. Bauru: EDUSC, 2001.

MARQUES, R. A prudência em Aristóteles. **ResearchGate**, 2013

PINHEIRO, C. B; GUTIÉRREZ, J. L. R. A prudência em Aristóteles e a formação ética. in: 67ª Reunião Anual da SBPC. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/saocarlos/home/>. Acesso em 17 maio 2024.

PEREIRA, António Manuel Fernandes. **Dependência e Racionalidade: Um Olhar de Alasdair MacIntyre Sobre a Ética Contemporânea**. Tese (Mestrado em Filosofia). Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, Portugal, 2021.

REALE, G. **Introdução a Aristóteles**. Tradução: Eliana Aguiar. Contraponto Editora Ltda. Rio de Janeiro, 2012.

ROSA, A. da. A Ética das Virtudes de Alasdair MacIntyre: implicações para a moralidade contemporânea. **Intuitio**, Porto Alegre, v. 9. n.2, p. 33-45, 2016

RIBEIRO, E. **Reconhecimento ético e virtudes**. São Paulo: Loyola, 2012.

SANTOS, M. F. **Dicionário de filosofia e ciências culturais**. São Paulo: Editora Matese, v.3, ed.4, 1966.

SPINELLI, Priscilla Tesch. **A prudência na Ética Nicomaquéia de Aristóteles**. Tese (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, Editora Unisinos, 2005.

SILVA, G.O. A prudência em Aristóteles. **Revista controversias**. Unisinos, v. 4, n. 2, p. 44-49, jul./dez. 2008.

SILVA, F. A. M. Virtude nas narrativas do esquema moral clássico segundo Alasdair MacIntyre em depois das virtudes. **Isagoge**, Rio de Janeiro, n. 6, v. 2, p. 1-16, abr./mai. 2022.

Vaz, H. C. L. **Escritos de Filosofia II**. Ética e cultura. São Paulo, Loyola, 1988.

Vásquez, A. S. **Ética**. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1969.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. ed.12, São Paulo: Atlas, 2010.